

Evolução dos Resultados da Balança Comercial do Agribusiness do Nordeste

Francisco Raimundo Evangelista

- * Mestre em Economia Aplicada
- * Técnico do Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (ETENE)
- * Professor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Maurício Teixeira Rodrigues

- * Mestre em Economia Agrícola
- * Técnico do ETENE
- * Professor da UNIFOR

Resumo

Este artigo analisa a participação do *agribusiness* regional na Balança Comercial Nordeste nos anos de 1992, 1995 e 2000, a partir de uma delimitação própria do agregado. A delimitação utilizada vale-se de uma definição *strictu sensu* de agroindústria para considerar integrantes do *agribusiness* os produtos processados até sua primeira transformação. Destaca que, nos anos estudados, o *agribusiness* se tornou cada vez mais importante para o resultado comercial da região e sua balança comercial foi sempre superavitária; o déficit da Balança Comercial do Nordeste seria 69,1% maior em 2000, se não fosse o resultado do *agribusiness*. Constata importantes transformações estruturais na balança do *agribusiness* no período estudado, especialmente: o aumento percentual da importação de insumos, indicador de modernização tecnológica da agricultura e a considerável participação dos produtos processados e semiprocessados na geração do saldo, significando avanço na agregação de valor aos produtos. Destaca ainda o avanço do agronegócio da fruticultura na geração de saldo positivo (de 10,3% em 1995 para 22,0% em 2000) - fato que evidencia uma resposta às iniciativas públicas e privadas em favor da fruticultura e uma diversificação dentro dos grupos e subgrupos do *agribusiness* com respeito à geração desses saldos.

Palavras-chave:

Agribusiness-Nordeste; Balança comercial-Nordeste; Produtos primários-Valor agregado.

1 - INTRODUÇÃO

A literatura recente tem procurado enfatizar, cada vez mais, a integração do setor agropecuário com os segmentos industriais e de serviços que o antecedem e sucedem, conforme postula a abordagem de *agribusiness*.

São bastante conhecidas as contribuições que o setor agropecuário, *per se* – na visão tradicional – pode dar ao processo de desenvolvimento econômico, quais sejam: a) ofertar os alimentos e as matérias-primas necessários ao setor não-agrícola; b) adquirir produtos manufaturados pela indústria doméstica; c) fornecer mão-de-obra e capital ao setor não-agrícola; e d) gerar divisas, seja pela exportação, seja pela substituição de importações de produtos primários, de forma a permitir a aquisição dos bens de capital exigidos para a industrialização. Mercê da carência de poupança interna e da defasagem tecnológica dos seus produtos industrializados, os países e regiões menos desenvolvidos dependem muito dessa última contribuição. Apesar do conhecimento da tendência de deterioração dos termos de intercâmbio, as exportações de produtos primários são, muitas vezes, a forma mais imediata (quando não a única) de financiar as importações.

A agregação de valor aos produtos primários é uma das maneiras de aumentar essa geração de divisas, seja ampliando as exportações de produtos primários processados; seja promovendo a diferenciação (pela qualidade ou por outras virtudes) dos produtos exportados. Nessa hipótese, o acompanhamento da balança comercial da agropecuária perde importância. Torna-se mais útil conhecer e acompanhar a balança comercial do “*agribusiness*” – compreendido como “o conjunto de atividades agropecuárias, industriais e de serviços que mantém sinergias de caráter tecnológico, comercial e econômico, cuja matéria-prima principal venha do setor agropecuário ou cujo produto final tenha naquele setor o seu mercado” (DAVIS e GOLDBERG, 1953 Apud Jank, 1996).

A análise do comércio exterior sob essa ótica pode resultar em políticas diferentes daquelas voltadas exclusivamente para o apoio das exportações agropecuárias, posto que novas atividades são incluídas e estratégias de competição distintas são requeridas.

Com o intuito de contribuir para essa nova vertente de análise, este trabalho apresenta a evolução dos resultados da balança comercial do *agribusiness* do Nordeste, comparando os anos de 1992, 1995 e 2000. Além desta introdução, são apresentados, na seção 2, os procedimentos metodológicos adotados na escolha dos produtos que integram o *agribusiness*. Na seção 3, apresentam-se os resultados das exportações, importações e saldos gerados, destacando-se nas considerações finais as principais conclusões.

2 - METODOLOGIA

Utilizou-se neste trabalho a mesma metodologia descrita em Rodrigues e Evangelista (2000). Seu ponto de partida é a constatação de que as poucas referências às exportações ou importações do *agribusiness* brasileiro têm se circunscrito ao campo das estimativas, com pouca clareza quanto à metodologia utilizada para a efetivação dos cálculos.

Algumas instituições têm publicado sistematicamente dados sobre a balança comercial do setor agropecuário brasileiro, mas o enfoque é o de produtos selecionados. Neles estão presentes tanto produtos “*in natura*”, como processados, configurando uma abordagem que vai além do setor agropecuário clássico. Nenhuma delas incorpora, entretanto, as transações envolvendo os insumos agropecuários; tampouco fornece informações regionalizadas, lacuna que o presente trabalho procura preencher com respeito ao Nordeste.

A ampliação do enfoque conduz ao problema da seleção dos produtos ou da delimitação do *agribusiness*. As atividades consideradas

como integrantes do *agribusiness* regional tiveram como base a conceituação apresentada na seção introdutória e os produtos constantes da balança comercial foram distribuídos nos grupos e subgrupos constantes da FIGURA 1 a seguir:

No grupo de produtos processados, onde geralmente se concentram as maiores controvérsias sobre quais etapas pertencem ou não ao *agribusiness*, foram considerados os produtos abrangidos por uma definição *strictu sensu* de agroindústria, ou seja, considerando-se apenas a primeira etapa de transformação da matéria-prima de origem agropecuária¹. A exceção deste procedimento foi o tratamento dos produtos alimentícios, conforme se vê na FIGURA 2:

Em conseqüência, o *agribusiness* nordestino (subdividido apenas nos elos dos insumos, produtos agropecuários e produtos processados e semiprocessados – uma vez que o elo final da distribuição tem produto *non-tradeble*), nos anos de 1992, 1995 e 2000, teve o desempenho retratado na TABELA 1, que será comentada na próxima seção.

Os anos de 1992, 1995 e 2000 foram escolhidos em virtude da sua proximidade com ocorrências bastante relevantes para o desempenho do comércio exterior nacional e regional, a saber: a abertura comercial desatada no governo Collor (1990); a implementação do Plano Real (1994) e a desvalorização cambial

INSUMOS	PRODUTOS AGROPECUÁRIOS	PRODUTOS PROCESSADOS E SEMIPROCESSADOS
Adbos, fertilizantes e defensivos	Frutas e olerícolas	Derivados de frutas e olerícolas
Máquinas e equipamentos	Grãos	Derivados de grãos
	Amêndoas	Derivados de amêndoas
Medicamentos veterinários	Fumo	Derivados de fumo
	Fibras	Fibras processadas
Sementes e mudas	Cana-de-açúcar	Derivados de cana-de-açúcar
	Madeira	Derivados de madeira
Outros insumos	Carnes e ovos	Carnes processadas
	Peixes, moluscos e crustáceos	Peixes, moluscos e crustáceos processados
	Animais vivos	Borracha natural
	Outros produtos agropecuários	Bebidas alcoólicas
		Produtos lácteos
		Couros e peles
		Ceras, óleos e gorduras
		Outros produtos processados e semiprocessados

FIGURA 1
GRUPOS E SUBGRUPOS INTEGRANTES DA BALANÇA
COMERCIAL DO *AGRIBUSINESS* DO NORDESTE

FONTE: Elaboração dos Autores.

¹ Tomando-se como exemplo o sistema agroindustrial do algodão, computaram-se apenas os produtos compreendidos até a fiação, por ser o algodão, nesta etapa, o principal insumo.

SAG	Etapas / Produtos
Grãos	“In natura”, farelos e óleos, rações e sementes preparadas.
Fumo	Matéria-prima, cigarros e charutos.
Fibras	Até a fiação.
Madeira	Madeira serrada e celulose.
Borracha	Até a borracha natural.
Couros e peles	Até o curtume.
Produtos alimentícios	“In natura” e todas as fases do processo de industrialização.

FIGURA 2

PRODUTOS PROCESSADOS – ETAPAS E PRODUTOS COMPUTADOS NO CÁLCULO DA BALANÇA COMERCIAL DO AGRIBUSINESS DO NORDESTE

FONTE: Elaboração dos Autores.

promovida pelo governo Fernando Henrique (1999). A defasagem entre o ano de ocorrência desses eventos e os anos escolhidos permite observar, nas contas, o seu pleno efeito (TABELA 1 e FIGURA 1).

Os valores correntes, apesar de apresentados em dólares, foram corrigidos com base na

inflação americana para os períodos de 1992-2000 e 1995-2000 em 22,65% e 13,46%, respectivamente, que são percentuais não desprezíveis. Para fins de comparação, apresenta-se a seguir a balança comercial do Nordeste (englobando todos os produtos), com seus valores igualmente corrigidos para o ano de 2000 (TABELA 2 e FIGURA 4).

TABELA 1

NORDESTE - EVOLUÇÃO DOS RESULTADOS DA BALANÇA COMERCIAL DO AGRIBUSINESS, 1992-1995-2000

(US\$ CONSTANTES DE 2000)

Anos	Segmentos						Total	
	Insumos		Produtos Agropecuários		Produtos processados e semiprocessados			
	Valor	(%)	Valor	(%)	Valor	(%)	Valor	(%)
1992								
Exportações	43.039.195	2,78	441.974.246	28,58	1.061.401.436	68,64	1.546.424.877	100,00
Importações	137.312.453	25,69	289.841.590	54,23	107.273.409	20,07	534.427.451	100,00
Saldo	-94.273.258	-9,32	152.132.656	15,03	954.128.027	94,28	1.011.987.426	100,00
1995								
Exportações	44.326.035	2,12	427.935.815	20,42	1.622.979.925	77,46	2.095.241.775	100,00
Importações	223.069.319	18,01	787.786.104	63,60	227.863.943	18,40	1.238.719.366	100,00
Saldo	-178.743.284	-20,87	-359.850.289	-42,01	1.395.115.982	162,88	856.522.409	100,00
2000								
Exportações	7.956.347	0,53	532.662.491	35,24	970.793.074	64,23	1.511.411.912	100,00
Importações	178.140.569	18,19	665.972.390	67,99	135.448.369	13,83	979.561.328	100,00
Saldo	-170.184.222	-32,00	-133.309.899	-25,07	835.344.705	157,06	531.850.584	100,00

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

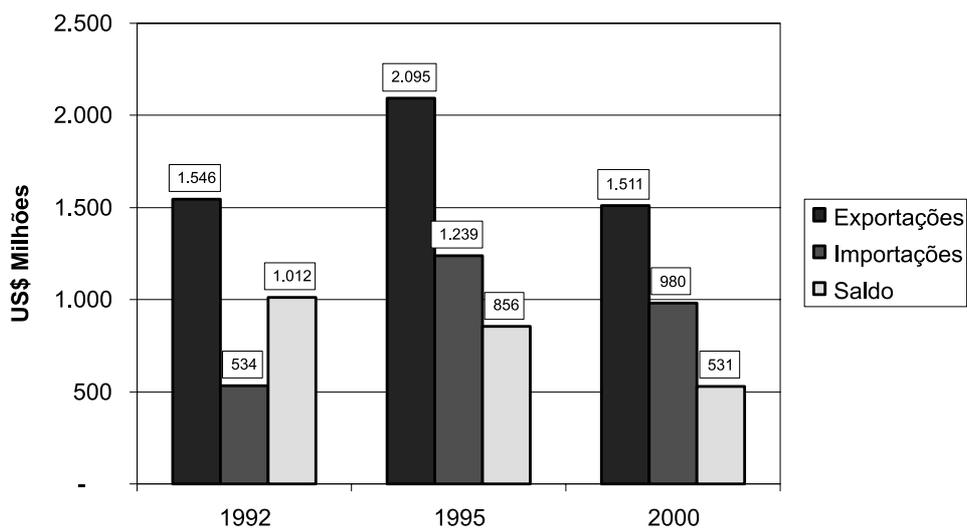


FIGURA 3
NORDESTE - BALANÇA COMERCIAL DO AGRIBUSINESS

FONTE: Elaboração dos Autores.

TABELA 2
NORDESTE - EVOLUÇÃO DOS RESULTADOS DA
BALANÇA COMERCIAL TOTAL, 1992-1995-2000 (US\$ CONSTANTES DE 2000)

Anos	Exportações	Importações	Saldo
1992	3.723.987.617	1.680.186.894	2.043.800.723
1995	4.805.867.050	4.084.739.865	721.127.186
2000	4.024.693.756	4.794.273.656	-769.579.900

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

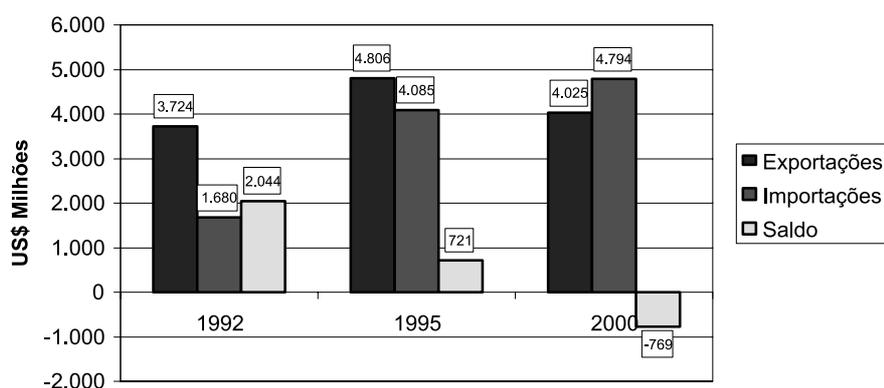


FIGURA 4
NORDESTE - BALANÇA COMERCIAL TOTAL

FONTE: Elaboração dos Autores.

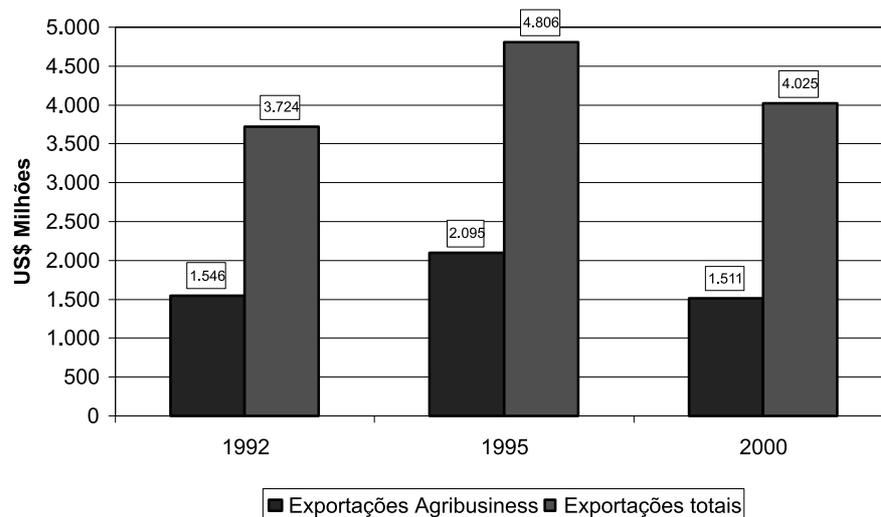


FIGURA 5
NORDESTE - EXPORTAÇÕES AGRIBUSINESS X EXPORTAÇÕES TOTAIS

FONTE: Elaboração dos Autores.

3 - RESULTADOS

3.1 - Exportações

As exportações do *agribusiness* cresceram, em termos reais, de 1992 para 1995 (35,5%), mas decresceram entre 1995 e 2000 (27,9%), de forma que, no período total, retroagiriam em 2,3%. O mesmo tipo de comportamento (aumento seguido de diminuição) se observa no total das exportações nordestinas, mas, ao final do período, houve um aumento real da ordem de 8,1%. Por conta disso, a participação do *agribusiness*

nas exportações totais do Nordeste, que era de 41,5% em 1992, declinou para 37,6% no ano 2000 (TABELA 3 e FIGURA 5).

O único elo que aumentou as suas exportações ao final do período foi o dos produtos agropecuários (não-processados), com crescimento real de 20,5%. As exportações de produtos processados e semiprocessados diminuíram em 8,5% e a dos insumos em 81,5%. O *agribusiness* nordestino exportou, nos três anos estudados, mais produtos de maior valor agregado (processados e semiprocessados) do que aqueles que não agre-

TABELA 3
NORDESTE - PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO AGRIBUSINESS EM RELAÇÃO ÀS EXPORTAÇÕES TOTAIS, 1992-1995-2000 (US\$ CONSTANTES DE 2000)

Anos	Exportações do Agribusiness (A)	Varição no Período (%)	Exportações Totais (B)	Varição no Período (%)	Participação Relativa (A/B%)
1992	1.546.414.877		3.723.987.617		41,5
1995	2.095.241.775	35,5	4.805.867.050	29,1	43,6
2000	1.511.411.912	-27,9	4.024.693.756	-16,3	37,6
Variação 1992-2000		-2,3		8,1	

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

TABELA 4

NORDESTE - COMPORTAMENTO DAS EXPORTAÇÕES DO AGRIBUSINESS, SEGUNDO OS SEUS ELOS – 1992-1995-2000

(US\$ CONSTANTES DE 2000)

Anos	Segmentos						Total	
	Insumos		Produtos Agropecuários		Produtos processados e semiprocessados			
	Valor	(%)	Valor	(%)	Valor	(%)	Valor	(%)
1992	43.039.195	2,8	441.974.246	28,58	1.061.401.436	68,64	1.546.424.877	100,00
1995	44.326.035	2,1	427.935.814	54,23	1.622.979.925	77,5	2.095.241.775	100,00
2000	7.956.347	0,5	532.662.491	15,03	970.793.074	64,2	1.511.411.912	100,00
Varição 1992-2000	-81,5%		20,5%		-8,5%		-2,3%	

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

gam valor (não-processados). Em média, 70,1% contra 28,1%, cabendo aos insumos os restantes 1,8% (TABELA 4). Essa mesma constatação também foi feita por Rodrigues, Evangelista e Carvalho (1999), em relação ao ano de 1998.

Em termos de subgrupos (TABELA 5), destacam-se os adubos, fertilizantes e defensivos, dentre os insumos. Em 2000, as máquinas e equipamentos passaram a ser o subgrupo de maior destaque, mas com um valor absoluto bastante pequeno no total das exportações.

As amêndoas, os peixes, moluscos e crustáceos e as frutas e olerícolas, nessa ordem, são os principais subgrupos exportados dentre os produtos agropecuários. Destaque-se que enquanto o valor absoluto das exportações de amêndoas apresentou queda constante nos três anos – o que não surpreende, dados os problemas por que passaram e passam os cultivos de castanha de caju e cacau, a exportação de frutas e olerícolas cresceu 164,9% e a de peixes, moluscos e crustáceos, 73,7%.

No subgrupo dos produtos processados e semiprocessados, ressaltam-se os derivados de cana-de-açúcar quase sempre em primeiro lugar (surpreendentemente superados pelos derivados de madeira, em 2000). Em seguida vêm os derivados de amêndoas. Na posição de ter-

ceiro subgrupo mais importante nas exportações, alternaram-se os derivados de frutas e olerícolas, as ceras, óleos e gorduras e os derivados de amêndoas.

3.2 - Importações

Enquanto as importações totais do Nordeste cresceram 185%, em termos reais, de 1992 para 1995, as importações do agribusiness nordestino se elevaram menos (83,3%) e tiveram uma participação sempre declinante dentro das importações regionais perdendo 11,4 pontos percentuais. Do mesmo modo observado nas exportações, houve um aumento nas importações de 1992 para 1995 e uma diminuição entre esse último ano e o ano 2000. As importações totais, entretanto, foram sempre crescentes no período (TABELA 6 e FIGURA 6).

O elo que mais contribuiu para as importações foi o dos produtos agropecuários, com uma participação média de 61,9%, seguindo-se as importações de insumos e as de produtos agropecuários processados e semiprocessados (20,6% e 17,4% em média, respectivamente). Cabe ressaltar, entretanto, que esses dois últimos elos vêm reduzindo sua participação relativa dentro das importações em favor dos produtos agropecuários (TABELA 7). Os valores absolutos das importações cresceram de 1992 para 1995, decrescendo desse ano para 2000.

TABELA 5
NORDESTE - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO AGRIBUSINESS SEGUNDO
OS GRUPOS E SUBGRUPOS, 1992-1995-2000
 (US\$ CONSTANTES DE 2000)

Produto	1992		1995		2000	
	Valor	(%)	Valor	(%)	Valor	(%)
(1) Insumos	43.039.195	2,78	44.326.035	2,12	7.956.347	0,53
Azubos, fertilizantes e Defensivos	40.942.470	2,65	42.703.611	2,04	2.407.967	0,16
Máquinas e equipamentos	0	0,00	0	0,00	3.415.415	0,23
Medicamentos	146.962	0,01	47.898	0,00	0	0,00
Sementes e mudas	77.894	0,01	549	0,00	123.270	0,01
Outros insumos	1.871.868	0,12	1.573.978	0,08	2.009.695	0,13
(2) Produtos agropecuários	441.974.246	28,58	427.935.814	20,42	532.662.491	35,24
Frutas e olerícolas	30.964.005	2,00	52.375.801	2,50	82.034.773	5,43
Grãos	17.700.884	1,14	39.146.544	1,87	115.521.916	7,64
Amêndoas	285.213.475	18,44	193.620.066	9,24	166.426.462	11,01
Fumo	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Fibras	7.530	0,00	664.156	0,03	16.742.401	1,11
Cana-de-açúcar	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Madeira	15.976.142	1,03	46.391.808	2,21	0	0,00
Carnes e ovos	633.539	0,04	4.393.082	0,21	403.418	0,03
Peixes, moluscos e crustáceos	85.137.929	5,51	89.464.565	4,27	147.943.344	9,79
Animais vivos	7.005	0,00	382.550	0,02	457.079	0,03
Outros produtos agropecuários	6.333.737	0,41	1.497.241	0,07	3.133.098	0,21
(3) Produtos processados e semiprocessados	1.061.401.436	68,64	1.622.979.925	77,46	970.793.074	64,23
Derivados de frutas e olerícolas	83.500.406	5,40	38.912.366	1,86	31.516.804	2,09
Derivados de grãos	12.864.750	0,83	13.104.129	0,63	20.700.929	1,37
Derivados de amêndoas	171.490.943	11,09	112.542.905	5,37	98.817.045	6,54
Derivados de fumo	48.938.189	3,16	32.012.818	1,53	19.251.753	1,27
Fibras processadas	42.949.856	2,78	48.869.418	2,33	25.934.529	1,72
Derivados de cana-de-açúcar	458.122.690	29,62	865.376.722	41,30	254.323.457	16,83
Derivados da madeira	67.557.111	4,37	229.297.555	10,94	259.108.482	17,14
Carnes processadas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Peixes, moluscos e crustáceos processados	1.238.347	0,08	1.774.682	0,08	344.621	0,02
Borracha natural	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Bebidas alcoólicas	5.510.437	0,36	5.168.485	0,25	1.412.604	0,09
Produtos lácteos	2.062	0,00	0	0,00	1.437	0,00
Couros e peles	63.760.679	4,12	92.729.447	4,43	105.183.544	6,96
Ceras, óleos e gorduras	68.351.445	4,42	108.573.789	5,18	61.059.328	4,04
Outros produtos processados e semiprocessados	37.114.521	2,40	74.617.608	3,56	93.138.541	6,16
Total (1) + (2) + (3)	1.546.414.877	100,00	2.095.241.775	100,00	1.511.411.912	100,00

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

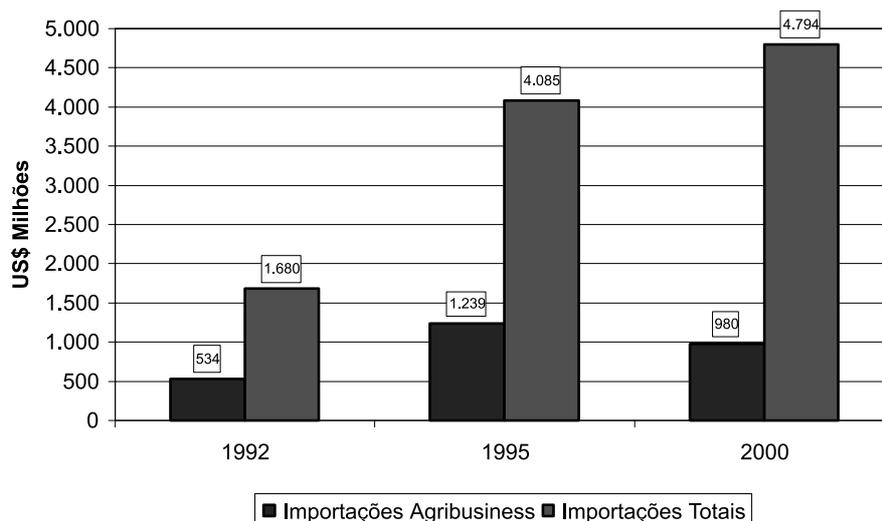


FIGURA 6
NORDESTE - IMPORTAÇÕES AGRIBUSINESS X IMPORTAÇÕES TOTAIS

FONTE: Elaboração dos Autores.

As importações de adubos, fertilizantes e defensivos respondem, praticamente, por todo o grupo dos insumos. Dentro do grupo ou elo dos produtos agropecuários não houve alteração, nos três anos, na ordem de importância dos subgrupos mais importados: grãos, fibras e peixes, crustáceos e moluscos (TABELA 8).

A análise dos valores absolutos, entretanto, é mais reveladora: o valor das importações de grãos em 2000 foi 35% superior ao de 1992, saindo de um patamar da ordem de US\$ 239 milhões para US\$ 323 milhões. Nas fibras (onde pontifica o algodão), o valor importado em 2000

foi onze vezes maior que o de 1992, posto que evoluiu de um montante da ordem de US\$ 19 milhões para US\$ 219 milhões, refletindo a desestruturação da cotonicultura regional verificada no período, associada ao incremento da demanda do parque têxtil regional.

No grupo dos produtos processados e semiprocessados, os números são mais instáveis. Não há coincidência de subgrupos ocupando o primeiro lugar das importações: os derivados de cana-de-açúcar (1992) e as ceras, óleos e gorduras (1995 e 2000) alternaram-se na posição. Esse último subgrupo, em 1992, ocupava o se-

TABELA 6
NORDESTE - PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DO AGRIBUSINESS EM RELAÇÃO ÀS
IMPORTAÇÕES TOTAIS, 1992-1995-2000 (US\$ CONSTANTES DE 2000)

Anos	Exportações do Agribusiness (A)	Variação no Período (%)	Exportações Totais (B)	Variação no Período (%)	Participação Relativa (A/B%)
1992	534.427.451		1.680.186.894		31,8
1995	1.238.719.366	131,8	4.084.739.865	143,1	30,3
2000	979.561.328	-20,9	4.794.273.656	17,4	20,4
Variação 1992-2000		83,3		185,3	

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

TABELA 7
NORDESTE - COMPORTAMENTO DAS IMPORTAÇÕES DO AGRIBUSINESS, SEGUNDO
OS SEUS ELOS – 1992-1995-2000
(US\$ CONSTANTES DE 2000)

Anos	Segmentos						Total	
	Insumos		Produtos Agropecuários		Produtos processados e semiprocessados			
	Valor	(%)	Valor	(%)	Valor	(%)	Valor	(%)
1992	137.312.453	25,7	289.841.590	54,2	107.273.409	20,1	534.427.451	100,00
1995	223.069.319	18,0	787.786.104	63,6	227.863.943	18,4	1.238.719.366	100,00
2000	178.140.569	18,2	665.972.390	68,0	135.448.369	13,8	979.561.328	100,00
Variação 1992-2000	29,7%		129,8%		26,3%		83,3%	

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

gundo posto, seguido dos produtos lácteos, quase sempre em terceiro.

Merece comentários o dramático crescimento das importações de couros e peles (aproximadamente 21 vezes entre 1992 e 2000), para o qual devem ter concorrido, dentre outros, os fatores que se seguem: i) a migração de fábricas de calçados de outras regiões para o Nordeste, verificada principalmente na segunda metade da década; a propósito, é importante frisar que as exportações regionais de calçados de couro – produtos com maior valor agregado em relação aos couros e peles importados – cresceram 8,5 vezes no mesmo período; ii) a intensificação do uso do regime de *draw back* pela indústria calçadista; e iii) a queda generalizada na produção de couros e peles no Brasil, entre 1992 e 2000, conforme demonstrado na TABELA 9:

3.3 - Saldo da Balança Comercial do Agribusiness

O grau de abertura comercial da região com o exterior do país – (importações + exportações)/ Produto Interno Bruto (PIB) – teve dois comportamentos distintos no período considerado: crescimento no quadriênio 1992-95 e retração no período seguinte, atingindo em 1999 uma posição inferior à de 1992 (TABELA 10 E FIGURA 7):

O comércio exterior do Nordeste saiu de um saldo positivo da ordem de US\$ 2,04 bilhões para um déficit de US\$ 769 milhões, de 1992 para 2000, o que representou uma redução de 137,7%.

O *agribusiness* regional, ao contrário, em todos os anos analisados, apresentou superávits, ainda que decrescentes. Entre 1992 e 2000, a queda foi de 47,4%, bem menor do que a do comércio total da região.

A participação dos insumos, na geração do saldo, foi sempre negativa e cresceu 80,5% entre 1992 e 2000. Já os produtos agropecuários não processados, que deram uma contribuição positiva em 1992, passaram a gerar déficit nos anos seguintes. Os produtos processados foram, nos três anos estudados, os responsáveis pela obtenção de um resultado positivo na balança do *agribusiness*, cobrindo o déficit dos demais elos. O comportamento foi semelhante ao já constatado em outras seções, ou seja, crescimento de 1992 para 1995 e queda entre esse ano e o ano 2000. Os saldos da Balança do *Agribusiness* foram sempre decrescentes, constatando-se uma queda de 47,4% entre 1992 e 2000.

Dentre os insumos, o subgrupo que mais influencia o saldo, de forma negativa, são os adubos, fertilizantes e defensivos, cujo déficit cresceu 67,5% de 1992 para 2000. Destaque-se ain-

TABELA 8
NORDESTE - EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DO AGRIBUSINESS SEGUNDO
OS GRUPOS E SUBGRUPOS, 1992-1995-2000 (US\$ CONSTANTES DE 2000)

Produto	1992		1995		2000	
	Valor	(%)	Valor	(%)	Valor	(%)
(1) Insumos	137.312.453	25,69	223.069.319	18,01	178.140.569	18,19
Adbos, fertilizantes e Defensivos	116.284.458	21,76	168.730.240	13,62	128.637.778	13,13
Máquinas e equipamentos	213.609	0,04	201	0,00	0	0,00
Medicamentos	650	0,00	17.246	0,00	529.305	0,05
Sementes e mudas	4.959.497	0,93	593.495	0,05	3.869.099	0,39
Outros insumos	15.854.239	2,97	53.728.138	4,34	45.104.387	4,60
(2) Produtos agropecuários	289.841.590	54,23	787.786.104	63,60	665.972.390	67,99
Frutas e olerícolas	7.582.368	1,42	12.376.584	1,00	12.517.300	1,28
Grãos	239.209.596	44,76	476.534.707	38,47	323.348.291	33,01
Amêndoas	153.415	0,03	10.108.532	0,82	65.500.383	6,69
Fumo	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Fibras	19.626.248	3,67	219.660.956	17,73	219.417.377	22,40
Cana-de-açúcar	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Madeira	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Carnes e ovos	6.486.104	1,21	17.619.730	1,42	13.594.831	1,39
Peixes, moluscos e crustáceos	16.121.739	3,02	44.969.511	3,63	29.757.138	3,04
Animais vivos	350.281	0,07	3.720.188	0,30	279.671	0,03
Outros produtos agropecuários	311.837	0,06	2.795.895	0,23	1.557.399	0,16
(3) Produtos processados e semiprocessados	107.273.409	20,07	227.863.943	18,40	135.448.369	13,83
Derivados de frutas e olerícolas	386.352	0,07	5.358.967	0,43	3.006.019	0,31
Derivados de grãos	2.760.606	0,52	17.380.916	1,40	14.758.539	1,51
Derivados de amêndoas	116.275	0,02	2.100.696	0,17	1.464.827	0,15
Derivados de fumo	17.739	0,00	57.928	0,00	64.085	0,01
Fibras processadas	1.125.952	0,21	4.665.283	0,38	5.832.593	0,60
Derivados de cana-de-açúcar	13.921.094	2,60	10.576.222	0,85	5.995.517	0,61
Derivados da madeira	989.225	0,19	1.573.792	0,13	5.213.669	0,53
Carnes processadas	2.075	0,00	152.386	0,01	1.700.874	0,17
Peixes, moluscos e crustáceos processados	2.450.875	0,46	14.626.845	1,18	10.420.505	1,06
Borracha natural	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Bebidas alcoólicas	1.433.374	0,27	11.510.848	0,93	3.877.035	0,40
Produtos lácteos	11.340.829	2,12	47.283.791	3,82	15.823.087	1,62
Couros e peles	1.093.717	0,20	5.496.841	0,44	22.616.658	2,31
Ceras, óleos e gorduras	12.853.763	2,41	51.225.832	4,14	37.031.905	3,78
Outros produtos processados e semiprocessados	58.781.533	11,00	55.853.597	4,51	7.643.056	0,78
Total (1) + (2) + (3)	534.427.451	100,00	1.238.719.366	100,00	979.561.328	100,00

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

da, a mudança da participação das máquinas e equipamentos, que no ano 2000 passaram a gerar superavit (TABELA 13).

No grupo dos produtos agropecuários não-processados, em 1992, o superávit das amêndoas e dos peixes, moluscos e crustáceos cobria o déficit dos grãos e fibras, levando a um resultado líquido positivo. Entretanto, nos anos de 1995 e 2000, isso já não foi suficiente, haja vista o crescimento do déficit desses dois últimos subgrupos, que são, na prática, os principais responsáveis pelo déficit não só do grupo, mas de toda a Balança do Agribusiness, haja vista que a contribuição percentual das fibras foi de -31,8% e a dos grãos de -40,9% (em média), nos dois últimos anos.

Os derivados da cana-de-açúcar são o subgrupo de maior importância para a geração do superavit não só dos produtos processados, mas de toda a balança, igualmente ao que foi constatado por Rodrigues et al.(1999), para o ano de 1998. O segundo posto, que em 1992 era ocupado pelos derivados de amêndoas, passou para os derivados de madeira, o que pode ser explicado pela entrada da indústria de papel e celulose no estado da Bahia. O

superavit desse subgrupo, em 2000, representou 3,8 vezes o alcançado em 1992. Os derivados de amêndoas passaram a ocupar a terceira posição na geração do saldo, nos anos de 1995 e 2000.

4 - CONCLUSÕES

Entre 1992 e 1995, constata-se a ocorrência da “abertura das importações” destacada pelo IEDI (2001) – o fato de que o processo de abertura comercial iniciado no governo Collor configurou-se muito mais numa facilitação à entrada de produtos estrangeiros do que numa ampliação do fluxo de comércio internacional do Brasil, ou seja, num aumento de compras e vendas internacionais. Tanto no *agribusiness* como no comércio exterior total, o crescimento das importações foi bem mais acentuado que o das exportações. As importações do agribusiness cresceram 131,8%, enquanto suas exportações apenas 35,5%, resultando numa diminuição do saldo de 15,4%. Esse efeito foi, entretanto, muito mais forte sobre o comércio exterior total da região Nordeste. Os resultados foram, respectivamente, 143,1% (importações) e 29,0% (exportações), levando o saldo a reduzir-se em 64,7% (TABELA 14).

TABELA 9
BRASIL E REGIÕES - PRODUÇÃO DE COUROS E PELES, 1992 E 2000

(ÍNDICE: 1991 = 100)

ANOS	1992	2000
Brasil	98,21	50,84
Nordeste	68,45	62,93
Sul	107,90	41,55
Ceará	51,86	18,42
Pernambuco	72,36	75,85
Minas Gerais	110,50	44,16
Rio de Janeiro	72,93	30,01
São Paulo	83,33	71,75
Paraná	106,96	27,29
Santa Catarina	124,54	28,34
Rio Grande do Sul	98,17	49,24

FONTE: IBGE

TABELA 10
NORDESTE - GRAU DE ABERTURA COMERCIAL
COM O EXTERIOR DO PAÍS

(% DO PIB)

Anos	Exportações	Importações	Grau de Abertura Comercial
1992	5,2	2,4	7,6
1993	4,5	3,0	7,5
1994	4,4	3,2	7,6
1995	4,7	4,0	8,7
1996	4,1	4,4	8,5
1997	4,0	4,5	8,5
1998	3,9	3,9	7,8
1999	3,6	3,5	7,1

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

No intervalo seguinte, de 1995 para 2000, o *agribusiness* nordestino reduziu suas importações (-20,9%); mas reduziu em percentual maior (-27,8%) as exportações; encolhendo um pouco mais (-37,9%) o saldo. No comércio exterior total, os resultados foram: ampliação das importações (17,4%) e redução das exportações (-16,3%) transformando o superávit anterior em déficit, ou seja, houve um aprofundamento da “abertura das importações” anteriormente mencionada.

Tais resultados levam à pergunta: seria o *agribusiness* nordestino (voltado para o comércio exterior) mais competitivo que as demais indústrias regionais (pelo fato de ter sido me-

nos afetado pela abertura comercial)? Este trabalho não é capaz de responder à questão; a dúvida levantada mereceria uma investigação maior e poderia fornecer importantes orientações para as políticas públicas.

Apesar de o *agribusiness* vir reduzindo o valor absoluto dos saldos comerciais gerados, fica patente que se tornou cada vez mais importante para o resultado comercial da região, posto que aumentou a sua participação no saldo, de 1992 para 2000 (o déficit seria 69,1% maior em 2000 se não fosse o resultado do *agribusiness*). Uma vez mais, deve-se chamar a atenção para o fato de que a diversidade ambiental do Nordeste favore-

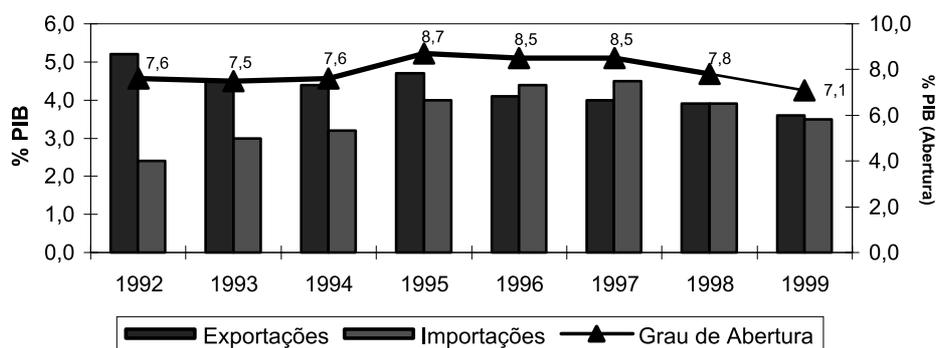


FIGURA 7
NORDESTE - GRAU DE ABERTURA COMERCIAL COM O EXTERIOR

FONTE: Elaboração dos Autores.

TABELA 11
NORDESTE - PARTICIPAÇÃO DO SALDO COMERCIAL DO AGRIBUSINESS
EM RELAÇÃO AO SALDO TOTAL

(US\$ CONSTANTES DE 2000)

Anos	Saldo Comercial do Agribusiness (A)	Varição no Período (%)	Saldo Total (B)	Varição no Período (%)	Participação Relativa (A/B%)
1992	1.011.987.426		2.043.800.723		49,5
1995	856.522.409	-15,4	721.127.186	-64,7	118,8
2000	531.850.584	-37,9	-769.579.900	-206,7	169,1
Variação 1992-2000		-47,4		-137,7	

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

ce os agronegócios, que deveriam ser mais considerados como opções de desenvolvimento.

Há, além disso, indicações de importantes transformações estruturais na balança do *agribusiness* ao longo do período estudado, cabendo destacar: a) aumento percentual da importação de insumos, o que pode ser indicador de modernização tecnológica da agricultura; b) considerável participação dos produtos processados e semiprocessados na geração do saldo, significando avanço na agregação de valor aos produtos.

Além dessa participação considerável do grupo dos produtos processados e semiprocessados, constata-se uma diversificação interna com respeito à geração de saldos positivos. Em 1992, apenas os derivados de cana-de-açúcar e os derivados de amêndoas tinham participações no saldo da ordem de dois dígitos; em 2000, tem-se quatro

produtos com participações dessa ordem (derivados de madeira, derivados de cana-de-açúcar; derivados de amêndoas, couros e peles).

Deve-se destacar, finalmente, o avanço do agronegócio da fruticultura na geração de saldo positivo. Considerando-se conjuntamente as participações dos grupos frutas e olerícolas (não processados) e derivados de frutas e olerícolas (processados e semiprocessados), constata-se que a sua participação evoluiu de 10,3% em 1995 para 22,0% em 2000 – fato que evidencia uma resposta às iniciativas públicas e privadas em favor da fruticultura.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a colaboração de Augusta Alencar de Araújo Lima, bolsista de nível superior do Banco do Nordeste, pela organização dos dados básicos.

TABELA 12
NORDESTE - COMPORTAMENTO DOS SALDOS COMERCIAIS DO AGROBUSINESS, SEGUNDO
OS SEUS ELLOS – 1992-1995-2000

(US\$ CONSTANTES DE 2000)

Anos	Segmentos						Total	
	Insumos		Produtos Agropecuários		Produtos processados e semiprocessados			
	Valor	(%)	Valor	(%)	Valor	(%)	Valor	(%)
1992	-94.273.258	-9,32	152.132.656	15,03	954.128.027	94,28	1.011.987.42	100,00
1995	-178.743.284	-20,87	-359.850.289	-42,01	1.395.115.982	162,88	856.522.40	100,00
2000	-170.184.222	-32,00	-133.309.899	-25,07	835.344.705	157,06	531.850.58	100,00
Variação 1992-2000	80,52		-187,63		-12,45		-47,4	

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

TABELA 13

AGRIBUSINESS - EVOLUÇÃO DO SALDO DA BALANÇA COMERCIAL - 1992-1995-2000

(US\$ CONSTANTES DE 2000)

Produto	1992		1995		2000	
	Valor	(%)	Valor	(%)	Valor	(%)
(1) Insumos	(94.273.258)	(9,32)	(178.743.284)	(20,87)	(170.184.222)	(32,00)
Adubos, fertilizantes e Defensivos	(75.341.988)	-7,44	(126.026.629)	-14,71	(126.229.811)	-23,73
Máquinas e equipamentos	(213.609)	-0,02	(201)	0,00	3.415.415	0,64
Medicamentos	146.312	0,01	30.652	0,00	(529.305)	-0,10
Sementes e mudas	(4.881.603)	-0,48	(592.947)	-0,07	(3.745.829)	-0,70
Outros insumos	(13.982.370)	-1,38	(52.154.159)	-6,09	(43.094.692)	-8,10
(2) Produtos agropecuários	152.132.656	15,03	(288.210.882)	-33,65	(133.309.899)	-25,07
Frutas e olerícolas	23.381.636	2,31	39.999.216	4,67	69.517.473	13,07
Grãos	(221.508.711)	-21,89	(365.748.755)	-42,70	(207.826.375)	-39,08
Amêndoas	285.060.060	28,17	183.511.534	21,43	100.926.079	18,98
Fumo	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Fibras	(19.618.718)	-1,94	(218.996.800)	-25,57	(202.674.976)	-38,11
Cana-de-açúcar	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Madeira	15.976.142	1,58	46.391.808	5,42	0	0,00
Carnes e ovos	(5.852.566)	-0,58	(13.226.648)	-1,54	(13.191.413)	-2,48
Peixes, moluscos e crustáceos	69.016.190	6,82	44.495.055	5,19	118.186.206	22,22
Animais vivos	(343.277)	-0,03	(3.337.638)	-0,39	177.408	0,03
Outros produtos agropecuários	6.021.899	0,60	(1.298.654)	-0,15	1.575.699	0,30
(3) Produtos processados e semiprocessados	954.128.027	94,28	1.323.476.574	154,52	835.344.705	157,06
Derivados de frutas e olerícolas	83.114.053	8,21	33.553.399	3,92	28.510.785	5,36
Derivados de grãos	10.104.144	1,00	(75.916.195)	-8,86	5.942.390	1,12
Derivados de amêndoas	171.374.669	16,93	110.442.209	12,89	97.352.218	18,30
Derivados de fumo	48.920.450	4,83	31.954.891	3,73	19.187.668	3,61
Fibras processadas	41.823.904	4,13	44.204.135	5,16	20.101.936	3,78
Derivados de cana-de-açúcar	444.201.596	43,89	854.800.499	99,80	248.327.940	46,69
Derivados da madeira	66.567.885	6,58	227.723.762	26,59	253.894.813	47,74
Carnes processadas	(2.075)	0,00	(152.386)	-0,02	(1.700.874)	-0,32
Peixes, moluscos e crustáceos processados	(1.212.528)	-0,12	(12.852.162)	-1,50	(10.075.884)	-1,89
Borracha natural	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Bebidas alcoólicas	4.077.064	0,40	(6.342.363)	-0,74	(2.464.431)	-0,46
Produtos lácteos	(11.338.767)	-1,12	(47.283.791)	-5,52	(15.821.650)	-2,97
Couros e peles	62.666.963	6,19	87.232.607	10,18	82.566.886	15,52
Ceras, óleos e gorduras	55.497.682	5,48	57.347.957	6,70	24.027.423	4,52
Outros produtos processados e semiprocessados	(21.667.012)	-2,14	18.764.011	2,19	85.495.485	16,08
Total (1) + (2) + (3) + (4)	1.011.987.426	100,00	856.522.409	100,00	531.850.584	100,00

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

TABELA 14
PARTICIPAÇÃO DO AGRIBUSINESS DO NORDESTE NA BALANÇA
COMERCIAL DA REGIÃO, 1992-1995-2000 (US\$ MILHÕES CONSTANTES DE 2000)

Anos	Importações			Exportações			Saldo		
	Agribusiness (A)	Totais (B)	A/B (%)	Agribusiness (C)	Totais (D)	C/D (%)	Agribusiness (E)	Totais (F)	E/F (%)
1992	534,4	1.680,2	31,8	1.546,4	3.724,0	41,5	1.012,0	2.043,8	49,5
1995	1.238,7	4.084,7	30,3	2.095,2	4.805,9	43,6	856,5	721,1	118,8
2000	979,6	4.794,3	20,4	1.511,4	4.024,7	37,6	531,9	-769,6	-69,1
Acum.	2.752,7	10.559,2	26,1	5.153,1	12.554,5	41,0	2.400,4	1.995,3	120,3

FONTE: SECEX - DECEX - Sistema Alice

Abstract

The integration of the agricultural sector along with the industrial and services segments, postulated in the agribusiness approach, has been quite emphasized in the literature. The mentioned integration becomes more important when one considers the advantages of external trade for the regional development. Indeed, the aggregation of value to products allows the greatest gain possibilities. However, there is a lack of regional information under such an approach. This article proposes a delimitation for the regional agribusiness. In addition, it analyzes the agribusiness share of the Northeast trade balance in 1992, 1995 and 2000. On those years, the agribusiness became more important for the commercial situation of the Region, and the agribusiness trade balance was always positive; In 2000, the Northeast's trade deficit could have been 69,1% larger without the agribusiness' contribution. Important structural transformations took place in the agribusiness' trade balance during the studied period such as: the percentage increase in the import of inputs, the technological modernization of the agricultural sector and the considerable participation of processed and semi-processed products to produce trade surplus. Hence, the aggregation of value to products followed. The fruit agribusiness generated trade surplus (from 10,3% in 1995 to 22,0% in 2000). This fact indicates

that public and private initiatives improved the fruit sector. It was also pointed out a diversification among the agribusiness groups and subgroups that produced trade surplus.

Key-words:

Agribusiness - Northeast ; Trade balance- Northeast ; Primary products ; Aggregated value.

5 - BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AZZONI, C. R. **Macroeconomia do Nordeste**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.

CNA. **Indicadores rurais**. Brasília, DF, n.18, outubro/1999.

CONAB. **Indicadores da agropecuária**. Brasília, DF, n. 10, outubro/1999.

IEDI. **Dez perguntas (e respostas) sobre a abertura e a política de comércio exterior**. São Paulo: IEDI, 2000 . 30p. Versão preliminar.

HOSSEPIAN, M.; SOUSA, P.H. de. Exportações de frutas batem recorde. **Gazeta Mercantil**, 20 dez. 1999. Finanças & Mercados – Agribusiness, p. B-20.

JOHNSTON, B.F.; MELLOR, J. W. The role of agriculture in economic development.

American Economic Review, v. 51, n.4, p. 566-593, 1961.

JANK, M.S. **Competitividade do agribusiness brasileiro: discussão teórica e evidências no sistema carnes**. 1996. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

KUZNETS, S. Economic growth and the contribution of agriculture in the open economy. In: REYNOLDS, L.G. **Agriculture in development theory**. New Haven: Yale University Press, 1975.

MYINT, H. Agriculture and economic development in the open economy. In: REYNOLDS, L. G. **Agriculture in development theory**. New Haven: Yale University Press, 1975.

NOGUEIRA FILHO, A. et al. **Agronegócios: conceituação e estudos práticos de sistemas agroindustriais**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1998. Circulação restrita.

RODRIGUES, M.; EVANGELISTA, F. R.; CARVALHO, M. R. P. **Balança comercial do agribusiness do Nordeste**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1999. Circulação restrita.

RODRIGUES, M.; EVANGELISTA, F. R. **Balança comercial do agribusiness do Nordeste II**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2000.

Recebido para publicação em 23.JAN.2002